

Texto de
Livia Petry

Ilustrações de
Zoravia Bettiol

AS AVENTURAS DO MENINO-ANJO


editora
NOVAPROVA

Porto Alegre, 2010.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P498a Petry, Lívia.
As aventuras do menino-anjo / Lívia Petry ; [ilustrações Zorávia Bettiol].
- Porto Alegre : Nova Prova, 2010.
48 p. ; il : 20 x 26 cm.

ISBN 978-85-7895-044-6.

1. Literatura brasileira infanto-juvenil. I. Título. II. Bettiol, Zorávia.

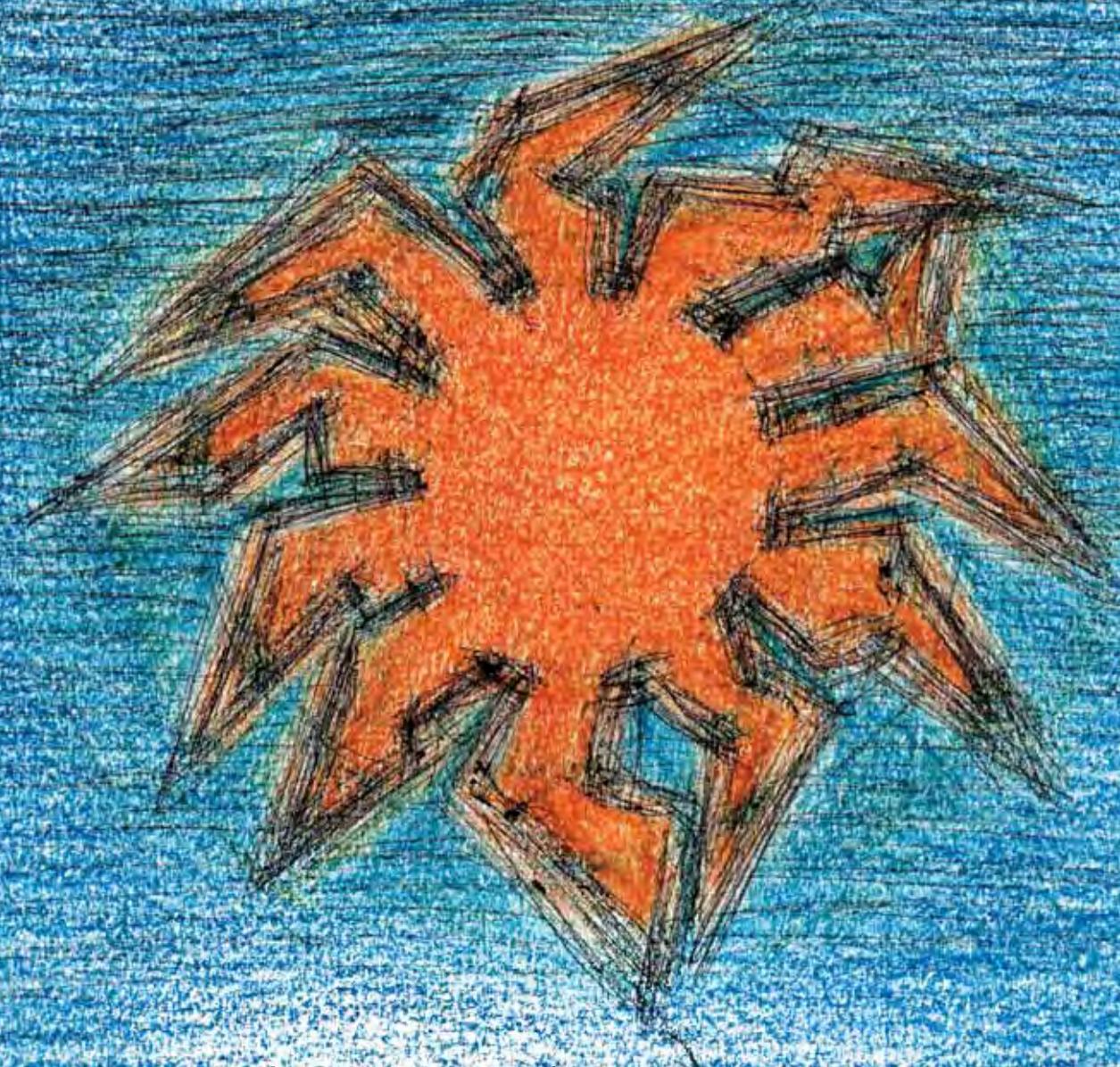
CDU 821.134.3(81)-053.5

Bibliotecária Responsável: Denise Pazetto CRB-10/1216

T	TÍTULO ORIGINAL:	As Aventuras do Menino-Anjo
T	TEXTOS:	Lívia Petry
	ILUSTRAÇÕES:	Zoravia Bettiol
	COORDENAÇÃO EXECUTIVA:	Andressa Damin
	COORDENAÇÃO EDITORIAL:	Simone Possani Schlottfeldt
D	DIREÇÃO DE ARTE:	Jéssica Richetti
R	REVISÃO TÉCNICA:	Marjorie Yamaguti
I	IMPRESSÃO:	Gráfica Pallotti
A	ASSESSORIA DE IMPRENSA:	Luciana Thomé



Av. Amazonas, 1367 - cj. 02 - São Geraldo
Porto Alegre/RS - 51 30226354



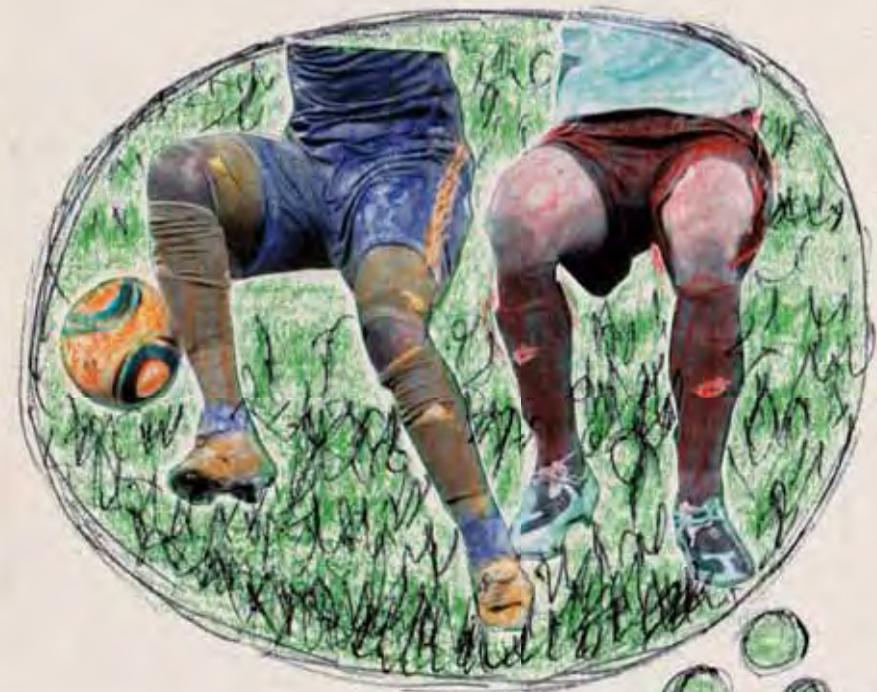
Em um dia ensolarado,
Bolão tinha feito três gols de placa.
Ele era mesmo o melhor jogador da turma,
um atleta nato.

Todos os meninos concordavam com isso e admiravam Bolão por seu talento. Luís também o admirava, mas apesar de serem amigos, sempre se sentia meio esquisito perto dele. Porque Bolão ria das faltas do menino, do fato de jogar na retranca e perder muitas bolas e isso era motivo de riso para Bolão e seus outros amigos. Luís esforçava-se ao máximo em cada jogo, mas sempre saía com a sensação de que havia fracassado.

Não raro, era obrigado a pagar sorvete pra todo mundo e ainda ouvir as piadas e reprimendas dos colegas. Aquele domingo, não havia sido diferente. Bolão ria solto dos lances que Luís perdera e todos riam com ele. Luís não dizia nada, tentava rir também—fazer o quê? Eram seus amigos, vizinhos de rua e colegas da escola, e ainda tinha a turminha do futebol. Apesar de ser perna-de-pau no jogo, todos gostavam dele.

E naquele dia, sentiasse esquisito de novo, como se faltasse alguma coisa dentro dele. Como se faltasse talento para o gramado, para o gol e como se ele fosse meio sem jeito, sem graça, torpe.

Um desajeitado na vida. Tudo o que ele queria era ser diferente: era ser como Bolão.



Fabrizio/10



Foi quando veio a proposta:

vamos à caverna dos piratas?

Havia ali perto uma caverna conhecida por seus perigos. Dizia a lenda que piratas teriam escondido um tesouro lá dentro. Muitas pessoas já tinham entrado em busca de ouro e jóias e nem todos conseguiam sair de lá. Dizia-se que era mal-assombrada, que muitos se perdiam e morriam lá dentro e seus fantasmas ficavam vagando pelas entranhas da gruta. Enfim, contavam-se muitas histórias sobre a tal caverna, mas ninguém sabia ao certo se mentirosas ou verdadeiras, poucos se aventuravam a chegar lá perto ou mesmo a entrar naquelas rochas escuras.

Porém, Bolão já estava cheio de jogar futebol e

conseguiu convencer a todos que não eram tantos perigos que existiam na caverna assim, e que ele, Bolão, sabia onde achar o tal tesouro dos piratas. Disse que todos que o acompanhassem voltariam ricos pra casa e seus pais nunca mais precisariam trabalhar, podendo assim, se divertir bastante e até viajar pra lugares distantes, conhecer a Disney, a NASA, entrar nos foguetes dos astronautas, etc.



Diante disso tudo, até Luís se entusiasmou. Os meninos cheios de coragem partiram juntos rumo à caverna.



Ela ficava escondida no meio de uma mata próxima ao campinho de futebol. A medida que entravam na mata, os meninos começaram a ficar com medo, pois tudo aquilo era muito arriscado. **E se não voltassem vivos?** Bolão dizia que isso era bobagem e seguia em frente.

- Vai ser divertido! - garganteava ele. E depois, isso era o segredo deles, ninguém podia saber de nada até que tivessem encontrado o tesouro. Então todos começaram a rir e brincar uns com os outros. De repente alguém reparou em Luís e disse:

- Olha só!!! O Luís está com a cara branca! Com medo! Luís estava mesmo temeroso, não achava graça nenhuma que rissem dele e fechou a cara, ficou brabo. Foi o primeiro a reparar que eles não estavam sozinhos... Na entrada da caverna havia um menino esquisito, com um ar estranho, usava um óculos escuro na cara e carregava uma espécie de vara na mão. Bolão tomou um susto quando o viu, mas não disse nada.

Foi Luís quem perguntou:

- Qual é o teu nome? O que tu fazes aqui?

- Meu nome é Alex e eu sou o guardião da caverna.

- Como assim, guardião da caverna?

- É, sou eu quem guia as pessoas corajosas que se aventuram por aqui.

- E por que usas esse óculos e essa vara? Que coisa mais estranha!

- Sou cego de nascença e não gosto que as pessoas fiquem olhando para meus olhos, por isso o óculos. É o que me ajuda a enxergar o caminho.

Bolão então interveio:

- Como é que um cegueta vai ajudar a gente a se guiar numa caverna escura?

- Eu tenho poderes que vocês não têm e conheço essa caverna como a palma da minha mão.

- Ah, essa eu pago pra ver! Poderes? Que poderes?

- Eu tenho uma audição especial e sou capaz de dizer o que vai acontecer no futuro.

- Ahã! Essa é boa!



J. J. Betts

- Ué, se vocês quiserem entrar sozinhos, não tem problema, eu fico por aqui mesmo. Mas já vou avisando: a caverna tem muitas passagens e nem todas levam de volta pra mata. Só eu sei o caminho.

- Tá bom, pode vir com a gente - disse Bolão meio contrariado.

Bolão foi entrando na frente, seguido pelos outros meninos. Luís ficou pra trás e disse a Alex:

- Não fica chateado, o Bolão tem esse jeito meio grosso de falar, mas é boa gente.

Alex sorriu e disse:

- Eu já pude ver o que tem no coração dele, não se preocupe.

- Como assim?

- Vocês estão aqui por causa do tesouro, não é?

- Sim. Como você sabe?

- Todos vêm aqui buscando a mesma coisa. E digo mais, essa idéia foi do Bolão, não foi?

- Foi... - disse Luís meio assustado - Mas como é que você adivinhou?

- Eu sei disso porque o Bolão não quis que eu fosse junto com vocês. Agora vamos, que o caminho lá dentro logo você vai perceber, é longo e escuro. Mas não precisa ter medo, eu sou um bom guia.

De fato, a caverna era muito escura, as paredes úmidas que quase não se conseguia enxergar o caminho. Alex disse:

- Podem seguir em frente, sem medo.

Todos seguiram, mas aquilo dava medo, os meninos todos em fila, uns se agarrando nos outros, batendo nas paredes.

Bolão enxergou alguma coisa brilhando adiante e disse:

- Acho que o tesouro está aqui perto.

- Mas a gente recém entrou...- redarguiu Luís

Alex então disse:

- Essa caverna tem o poder de criar ilusões. Tomem cuidado.

Bolão riu, disse que era melhor Alex calar a boca. ele sabia muito bem que ali estava o tesouro dos piratas. E assim continuaram adentrando na caverna mais e mais, por um bom tempo. Tudo era puro breu, impossível de enxergar

o caminho adiante. Um dos meninos começou a dizer que queria voltar, mas Bolão insistiu que já deviam estar perto do tesouro. Foi quando Alex falou:

-Estou ouvindo barulho de asas. É melhor se abaixarem e ficarem quietos.

-Eu não vejo, e nem ouço nada – disse Bolão.

Minutos depois, começaram os gritos, morcegos às centenas esvoaçaram sobre as cabeças dos garotos,



todos tiveram que se abaixar para não serem mordidos. Os bichos passavam zunindo, ZZZZZUUUUUMMMM FFFFLLLAAAPPPP, batendo as asas freneticamente e soltando sons que mais pareciam gritinhos de ratos.

Depois daquele susto, todos quiseram voltar, mas Bolão apontou uma luz no fim da caverna e disse:

-Lá está o tesouro gente! Deixem de ser covardes, eram só uns morcegos de nada! Vocês são todos uns medrosos!

Então Luís disse:

- Tá! eu to com medo mesmo, mas um daqueles morcegos quase me mordeu!

Alex interveio:

- Não se assustem, eles não fazem mal a ninguém e já foram embora, não voltarão mais.

Bolão disse:

- O Alex tem razão, vamos seguir adiante, gente!

E assim, uns meio choramingando, outros meio emburrados, seguiram pela caverna. Alex então falou:

- Eu escuto barulho de água.

Bolão desta vez, não disse nada. Um pouco mais adiante, os meninos encontraram uma lagoa azul turmalina, linda e translúcida. Todos estavam encantados com aquela lagoa tão bonita no meio da caverna. E como estavam suados e sujos, resolveram tomar um banho.

Alex tentou alertá-los para não entrarem na água, mas ninguém quis ouvir o que ele dizia. Bolão mandou-o calar-se



e foi o primeiro a se atirar na lagoa, todos os outros fizeram o mesmo, inclusive Luís. E aí, quando já estavam na água, brincando uns com os outros, se deram conta de que algo estranho estava acontecendo: estavam diminuindo de tamanho! Sim, diminuindo de tamanho... E não havia como escapar, todos encolheram, subitamente, até ficarem do tamanho de uma cabeça de alfinete.

Alex do lado de fora da água falou:

- Eu avisei vocês pra não entrarem na água.

Luís falou desesperado:

- E agora, o que vamos fazer?

Alex então deu uma idéia:

- Por que vocês não sobem naquela folha que está vindo pela correnteza?

Os meninos olharam e uma folha enorme de Figueira aproximava-se deles. Ela mais se parecia com um barco.

Então todos pularam pra cima da folha e seguiram com a força da água.



- E agora? O que fazemos?

Perguntou Luís a Alex que ficara na margem da Lagoa.

Alex respondeu:

- Deixem que a correnteza leve vocês. Ela vai desembocar na Gruta Luminosa. Quando vocês enxergarem um lugar cheio de luz e pedras preciosas, desembarquem. Eu irei por um atalho, não se preocupem. Estarei lá esperando por vocês.

Apesar da Lagoa ser de águas calmas, agora pareciam estar em alto mar, enfrentando ondas gigantes. De repente, a gruta que era escura, foi ficando mais clara.

Eles seguiram nas águas e viram quando os corredores se iluminaram e pedras fosforescentes começaram a encher

de brilho tudo em volta. Eram pedras enormes, de todas as cores: azuis, verdes, lilases, laranja! E brancas!

- Nossa, que lugar bonito! Exclamou Bolão.

Os outros meninos ficaram em silêncio, apenas olhando em torno. Tudo era feito de pedras preciosas: os corredores, o chão e até o teto da caverna. E como brilhava!

Então a folha se aproximou de uma das margens e os meninos desceram. Porém, como estavam pequeninos, eram alvo fácil para outros bichos, por exemplo, as formigas que andavam por ali. Elas tinham patas e cabeças gigantes, e os meninos começaram a ficar com medo de serem comidos por alguma formiga daquelas.



Foi então que Alex apareceu. Trazia nas mãos frutinhas quase invisíveis. Elas eram tão pequenas que cabiam na boca dos meninos. Alex deu a eles aquelas frutas especiais e disse:

- Comam à vontade, essa fruta vai devolver vocês ao tamanho normal

Os meninos se avançaram nas frutas, pois todos queriam voltar ao tamanho de meninos novamente, além do que, aquilo tudo os deixara com muita fome.

Alex deu um aviso:

- Olhem, essa fruta tem só um efeito: ela faz vocês conhecerem o que trazem no próprio coração.

- Ah, isso já sei o que é! – disse Bolão valente.

- Tudo bem Bolão, mas coma com cuidado.

Bolão achou graça naquilo tudo e mais graça ainda quando Alex disse que o nome da fruta era “Néctar dos Deuses”.

Porém, o que se seguiu foi algo muito estranho, enquanto alguns meninos começaram a ficar extasiados e com o olhar iluminado e alegre, outros meninos começaram a chorar, dar gritos e urros de dor.

Bolão foi um deles, chorava, soluçava e gritava. Enquanto isso, Luís viu sair de seu coração uma imagem: parecia com a mãe dele, mas era meio esfumaçada e trazia um manto azul cobrindo sua cabeça. Ela falava com ele numa voz doce, e dizia que se só encontraria o verdadeiro amor se fosse generoso. Disse mais: que se ele tivesse força para enfrentar as adversidades e tristezas ela estaria sempre ao seu lado. Depois, desvaneceu-se e Luís sentiu um grande calor descendo sobre ele.





Alex caminhou até Bolão que agora urrava como um animal ferido, e colocou na sua boca um pedaço de folha de hortelã. Bolão perguntou o que era aquilo, e Alex respondeu que aquilo era uma folha para aliviar a sua dor. Foi o que aconteceu, Bolão parou de chorar em seguida e como ele, os outros meninos que também receberam a folha pararam de chorar. Na verdade, aquela era uma planta mágica, que

fazia as pessoas esquecerem as dores, angústias e tristezas que carregavam no coração.

Quando já estava refeito, Bolão perguntou se aquele era o lugar do tesouro. Alex respondeu que não, que aquela era a gruta do Conhecimento Luminoso e que o tesouro dos piratas estava mais adiante. Bolão olhou para todas aquelas pedras preciosas com cobiça, tinha vontade de levar aquilo tudo pra casa, ficar rico e ter muitas coisas só pra ele. Mas não disse nada a ninguém. Luís olhou para as pedras como se tivesse descoberto o segredo de sua própria vida. Estava tão emocionado que tinha vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Não fez nada disso. Mas quando os outros meninos não estavam vendo, ele beijou uma das pedras, pensando na imagem que tinha visto recentemente, como quem beija a própria mãe. A única pessoa que soube daquele beijo foi Alex, que escutou o roçar dos lábios de Luís na pedra.

Enquanto isso, Bolão e os outros meninos, seguiram adiante, em direção à um corredor da caverna. Bolão dizia que sentia cheiro de ouro, que logo encontrariam o tesouro. Alex avisou que o tesouro estava próximo, mas que havia uma condição para levar as riquezas dos piratas:

cada pessoa só podia carregar uma única peça do tesouro. E deveria escolher aquilo que o seu coração mandasse.

Bolão achou aquela história toda uma grande bobagem. E quando deparou-se mais adiante com o tesouro dos piratas, encheu os bolsos do calção com jóias e ouro, pôs as moedas dentro das meias e carregou tudo o que pôde. Os outros meninos fizeram o mesmo. O único que obedeceu ao Alex foi Luís. Seu coração disparou quando viu um dobrão de ouro muito antigo, que ele carregou consigo. Então, quando estavam todos satisfeitos e repletos de jóias e pedras preciosas, apareceu uma grande cobra no meio das jóias. Não era uma cobra qualquer, era uma **Jibóia**, capaz de comer um boi inteiro, ou muitos meninos, e ainda tinha uma língua que soltava fogo. Todos saíram correndo dali, antes que ela os atacassem.



Alex guiou-os para um corredor estreito e mais escuro, todos se atropelaram correndo uns por cima dos outros. Até que viram uma luz, era o sol da mata que brilhava mais adiante. Então correram para a saída, e nem sequer olharam pra trás. Luís foi o último a sair. Correram muito pelo mato adentro até chegarem próximos ao campinho. Foi quando Bolão disse que aquelas coisas estavam cada vez mais pesadas.

Puxou a mão de dentro do calção e o que saiu foi uma pedra de cascalho, grande, pesada feito chumbo. Começou a mexer nos bolsos, nas meias, e não acreditava: **as jóias, as moedas de ouro, tudo tinha se transformado em cascalho.**

Os outros meninos, que também tinham se enchido de jóias, deram por conta que só carregavam pedras pesadas que se esfarelavam e viravam pó. Foi nessa hora que a mãe de Bolão apareceu do outro lado do campinho chamando por ele.

Os meninos se dispersaram e cada um foi pra sua casa, tristes depois daquela aventura sem recompensa.



Luís também chegou em casa meio triste, até que se deu conta que ainda estava com uma moeda de ouro no bolso. Misteriosamente, ela não havia se transformado em cascalho. Então ele se lembrou das advertências de Alex e entendeu que só era feito com o coração é que tinha algum valor.

Porém, sua alegria durou pouco. Quando chegou na cozinha, viu seu pai chorando, com a cabeça deitada sobre a mesa onde jantavam. Perguntou o que tinha acontecido e soube que sua mãe havia sido hospitalizada. Ela necessitava de um tratamento muito caro e o pai não tinha dinheiro para pagar. Ele estava desesperado, teriam que vender a casa.

Foi então, que Luís pôs sobre a mesa o dobrão de ouro e disse:

- Olha pai, eu encontrei isso hoje, lá no mato perto do campinho. Quem sabe a gente vende?



O pai olhou a moeda de ouro, rara, antiga e ficou apalpando-a perplexo. Dias depois, o pai foi a capital e descobriu que o dobrão valia uma pequena fortuna. Dinheiro suficiente para pagar o tratamento da mulher. Luís, sua mãe e seu pai, ficaram exultantes.

Então Luís resolveu voltar para a caverna e agradecer a Alex. Mas quando chegou lá, não havia ninguém e a entrada da caverna estava fechada com uma enorme pedra na frente.

Foi quando ele lembrou de mim e ele veio até a minha cabana que fica no meio do mato, coberta por folhas de bananeiras. Raramente alguém me procura porque sabem que sou meio Bruxa. Luís me procurou por isso mesmo e pediu que eu escrevesse essa história e a enviasse ao Alex, o Menino-Anjo, esteja ele onde estiver.



10



Livia Petry Jahn nasceu em Porto Alegre, RS, em 10/11/1971. Desde pequena adora contar histórias, por isso ingressou no curso de Letras da UFRGS onde formou-se em 2008. A partir de então, publicou dois livros, um de poesia, “O Exílio das Palavras” (AGE/2001) e um de contos “Flores da Cor da Terra” (Nova Prova/ 2009) e participou de várias antologias. Atualmente é mestranda em Literatura Portuguesa e Luso-Africanas na UFRGS. Desde 2005 participa do projeto de extensão “Quem Conta um Conto” (UFRGS) como contadora de histórias. Projeto coordenado pela profª Ana Lúcia Tettamanzy e que recebeu o Prêmio Açorianos 2007 de Incentivo à Leitura. Em 2009, além das contações de história, Livia foi professora de criação literária numa oficina patrocinada pelo Sesi e pela Biblioteca Pública do Estado. Atualmente, Livia divide-se entre os compromissos como contadora de histórias, a dissertação de mestrado e o curso de especialização em arte-terapia.

Zoravia Bettiol, artista plástica, designer e arte-educadora, dedica-se as artes gráficas, arte têxtil, pintura, design de jóias e de superfície, instalações e performance. Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1935 e participou de 124 exposições individuais entre 1959 e 2010 na América do Sul, Europa, Estados Unidos e Japão. Sua mais significativa mostra foi **Zoravia Bettiol: a mais simples complexidade**, exposição retrospectiva e livro homônimo apresentados no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2007.

Suas obras estão em acervos dos principais museus do mundo como o Metropolitan Museum e o Brooklyn Museum, ambos de Nova Iorque; o Kunstindustrimuseet, de Oslo; a Galeria Nacional, de Praga; Museu Nacional de Varsóvia e o Museum of Modern Art, de Kyoto.

Participa de associações culturais e ecológicas e é uma das fundadoras da Associação Cristal Florido, que trabalha com arte-educação com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Coordena o Comitê Multidisciplinar de Planejamento da Orla do Guaíba sendo um dos seus objetivos a criação do Museu das Águas de Porto Alegre, 2009.

Participou da FIEMA, Feira Internacional de Tecnologia para o Meio Ambiente, em Bento Gonçalves-RS, com a instalação Alerta Ambiental - degelo e desertificação, em 2009 e da Cow Parade – edição Porto Alegre 2010, com a Cow-lice in the wonderland.

